

Educação Crítica no Ensino de Línguas Adicionais

Ana Claudia Turcato de Oliveira
Universidade Federal do Tocantins

Felipe de Almeida Coura
Universidade Federal do Tocantins

Andréa Machado de Almeida Mattos
Universidade Federal de Minas Gerais

Ainda no século passado, o trabalho pioneiro de Street (1984) deu origem a uma vertente mundialmente inovadora na área de Letramento (ou alfabetização): os Novos Estudos do Letramento ou, simplesmente, Novos Letramentos. Desde então, os Novos Letramentos vêm influenciando mundialmente a pesquisa e o ensino de línguas no que passou a ser visto como Linguística Aplicada Crítica.

No Brasil, essa vertente passou a se consolidar a partir do trabalho de Magda Soares (1998) dentro da área de ensino de português como língua materna. Monte Mór (2015) identifica três gerações de pesquisa e ensino sobre letramentos. Para ela, uma primeira geração de estudos sobre alfabetização e letramento baseava-se numa visão de letramento inserida na abordagem fônica ao ensino da leitura e da escrita, que foi considerada “fragmentada e deslocada da realidade dos alunos [...] e significava ser capaz de reconhecer e reproduzir sílabas, palavras e frases como os próprios elementos de leitura e escrita”¹ (MONTE MÓR, 2015, p. 187). Os Novos Estudos do Letramento no ensino de português no Brasil, segundo a autora, correspondem à segunda geração dos

¹ Tradução nossa, assim como em todos os outros trechos traduzidos a partir de obras originalmente publicadas em inglês, no restante deste trabalho.

Letramentos baseando-se nos trabalhos de Paulo Freire, revigorados pelos autores dos Novos Letramentos, tais como Street (1984) e Soares (1998), dentre muitos outros que defendiam a ideia de que letramento é uma prática social e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra. A terceira geração dos estudos sobre Letramentos chega ao Brasil, segundo Monte Mor (2015), já no novo milênio (anos 2000), quando surgem as propostas sobre Multiletramentos e os Novos Estudos do Letramento atingem outras disciplinas do currículo. Temos, então, no ensino de línguas estrangeiras, as propostas sobre Letramento Crítico e Letramento Visual, o Numeramento no ensino de matemática, o Letramento em Ciências e assim por diante. Tanto as novas tecnologias quanto os processos de globalização contribuíram grandemente para esse avanço (MATTOS, 2015; MONTE MÓR, 2015).

Assim, a educação linguística crítica vem-se consolidando no Brasil como uma perspectiva teórico-prática na linguística aplicada (crítica) (PENNYCOOK, 2001) e abarca um grupo de teorias que se disseminaram no país como embasamento para pesquisas e/ou atuação tanto na formação de professores de línguas quanto no ensino de línguas adicionais. Como exemplo, podemos citar os letramentos críticos, as perspectivas decoloniais, os estudos sobre classe social, gênero, raça e identidade, dentre outras perspectivas que buscam ir além do ensino/formação ditos neutros, tradicionais e/ou autônomos (STREET, 1984) para construir visões de cidadania participativa, justiça social e compreensões outras sobre o ensino de línguas e a formação de professores.

Neste dossiê reunimos trabalhos de vários pesquisadores da linguística aplicada crítica, principalmente no que se relaciona com a educação crítica no ensino de línguas adicionais, abordando questões que podem contribuir para avançar os estudos e as práticas nessa área.

Iniciamos com o texto **“Formando professores para o ensino crítico de línguas”**. O estudo traz uma perspectiva crítica de ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola pública, com reflexões contundentes sobre a formação de professores e a relação escola-universidade. Em seguida, em **“Praxiologias nas aulas de literaturas de língua inglesa: um olhar sobre ‘A Tempestade’, de Shakespeare, na perspectiva decolonial”**, é apresentada uma investigação em aulas de literatura de língua inglesa a partir de uma ótica decolonial, onde os alunos passaram a construir novos sentidos acerca de questões sociais relevantes.

Sob uma perspectiva das pedagogias críticas, o artigo **“Qual inglês você ensina? Americano ou Britânico? Propostas pedagógicas para a formação inicial”** reflete sobre a formação inicial de professores de inglês e como a escola tem representado a língua em sala de aula. O pensar decolonial presente em **“Ideias decoloniais sobre minha práxis: autoetnografia de uma professora de inglês”**, traz uma perspectiva autoetnográfica de uma professora de inglês que questiona discursos e crenças arraigados na educação, vislumbrando possibilidades de escrever novas histórias.

Considerando estudantes Ava Guarani, o texto **“Negociando letramentos: entre o português indígena e o português acadêmico”** buscou refletir sobre as tensões entre, de um lado, o português acadêmico e as práticas de leitura e escrita da universidade e, de outro, os usos e as variedades indígenas da língua portuguesa trazidos por dois estudantes. O estudo **“A representação da mulher nos livros didáticos de língua espanhola: uma análise das imagens da seção de leitura”**, analisa as imagens presentes nas seções de compreensão leitora de oito coleções didáticas de língua espanhola do ensino médio e busca entender como as questões de gênero são tratadas no ambiente escolar. O texto traz reflexões em vista da ampliação do pensamento crítico dos estudantes nas aulas de língua espanhola.

O texto **“Corporeidade, letramentos e ensino de língua inglesa antirracista: problematizando imagens e construindo novos sentidos”** busca problematizar elementos verbais e não-verbais presentes em anúncios publicitários, a fim de refletir sobre letramentos em língua inglesa e como eles podem se relacionar com imagens, corporeidade e questões raciais no contexto brasileiro. Em **“Pressupostos filosófico-pedagógicos acerca da elaboração de uma formação de professores para o ensino bilíngue”**, há uma discussão sobre um projeto de educação bilíngue (inglês-português) de um município brasileiro. Embasado na Pedagogia Histórico-Crítica, o texto procurou problematizar algumas questões da formação docente e trouxe algumas reflexões para a área, como a relevância de se considerar o inglês como língua franca no currículo.

A educação crítica no ensino de línguas adicionais traz possibilidades que vão além da sala de aula. São caminhos que, como apontam os textos deste dossiê, passam pelos corpos, pelas negociações de letramentos, pelas diferentes visões de mundo e pelas maneiras de se compreender as mais variadas formas de texto.

Referências

MATTOS, A. M. A. *Ensino de inglês como língua estrangeira na escola pública: letramentos, globalização e cidadania*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MONTE MÓR, W. Learning by design: reconstructing knowledge processes in teaching and learning practices. *In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ed.). A pedagogy of multiliteracies: learning by design*. New York: Palgrave MacMillan, 2015. p. 186-209.

PENNYCOOK, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.